

Choque fracassa na Argentina

Buenos Aires — Há mais de quarenta anos, a Argentina luta para reverter uma generalizada crise econômica e social. Nefastas alternâncias entre civis e militares aparecem como os fatores mais relevantes para as profundas diferenças geopolíticas internas, assim como a falta de coerência e habilidade para um bom relacionamento com o exterior.

Durante os primeiros anos do regime militar que em 1976 derrubou o governo constitucional de Isabelita Peron, tomou-se conhecimento da condução econômica em andamento desde 1955, quando foi derrubado Juan Domingo Peron, por outro golpe militar. Com efeito, José Martinez de Hoz concretizou, em abril de 1981, um dos planos mais audazes em matéria de liberalização econômica, mas sua gestão — que implantou um processo de desindustrialização ainda hoje não revertido — faz parte do drama mais recente da crise econômica argentina.

O governo constitucional do presidente Raul Alfonsin pro-

vocou no final de 1984, a uma dívida externa de quase 45 bilhões de dólares, 60 por cento da qual não foi revertida ao lucro interno. Além disto, a partir da decisão política de não aprofundar a investigação do destino da dívida externa, somada à proposta econômica, feita em 1984, de dilatar negociações com credores, este país entrou num túnel de sombras que se agravou pela falta de capital novo e nenhum crescimento nas exportações, com uma balança comercial deficitária.

No início de 1985, a Argentina deparou com um processo hiperinflacionário e de descapitalização que obrigou ao governo de Alfonsín a fazer uma virada de 180 graus. Passou de um protecionismo relativo, esboçado pelo ministro da Economia, Bernardo Grispun, entre dezembro de 1983 e março de 1985, à ortodoxia monetarista, imposta desde abril de 1985 por Juan Sorrouille, um tecnocrata que, diante da condução econômica leva o país a um processo parecido ao de Martinez de Hoz. "Similar,

mas sem convicção", declara o próprio Martinez de Hoz que, defendendo-se de seus acusadores admite não haver concretizado suas metas.

Sorrouille respondeu com o "imatura" Plano Primavera (teve que antecipá-lo por um mês por motivos eleitorais, por causa de uma instabilidade financeira cada vez maior e pelo agravamente da retração industrial), uma exigência dos bancos credores e a necessidade de baixar a inflação (no bimestre de julho/agosto chegou a quase 650 por cento) e reduzir o déficit público, que devora oito por cento do PIB, ainda que, o ex-ministro e candidato à presidência, Alvaro Alsogaray (direitista) tenha calculado em 13 por cento.

Os resultados do Plano Austral (lançado em junho de 1985), suas correções, e o recente Plano Primavera mostram um processo negativo — 4 por cento do PIB no terceiro trimestre de 1988 e uma estimativa extra-oficial de um retrocesso de 2 por cento em 1988 do Produto Interno Bruto.